

O ativismo digital materno a partir da análise da plataforma de mídia independente Cientista que virou mãe¹

Ana Paula Muller Soares²

Universidade Federal Fluminense, UFF – Niterói, RJ

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender o ativismo digital materno a partir da análise de um blog pessoal que passa a operar como plataforma de mídia independente: o Cientista que virou mãe. Este trabalho também se dedica a apresentar esta mobilização de mulheres mães como um movimento social em rede, que se apropria da ambiência da internet para propor um novo olhar sobre a maternidade no modo de vida contemporâneo.

Palavras-chave

comunicação digital, cibercultura, ativismo digital, movimento de mulheres mães

Introdução

O objetivo deste artigo é investigar as principais questões do ativismo digital materno a partir da análise da plataforma digital Cientista que virou mãe e de que forma elas refletem mudança no papel da mulher com filhos na sociedade pós-moderna. Este trabalho também pretende trazer à luz um primeiro olhar sobre a história de um blog de maternidade que muda seu *modus operandi* para o de uma plataforma de mídia independente, com conteúdo que aborda a maternidade de forma crítica no sentido de se pensar em uma reformulação da condição da mulher mãe do modo de vida contemporâneo.

Na era da tecnocultura (SODRÉ, 2013), a comunicação mediada por computador, prática que permeia o cotidiano, alimenta cada vez mais o ativismo do movimento de mulheres. A cultura da participação (JENKINS, 2009) e a inteligência coletiva (LÉVY, 2000) podem ser vistas como ferramentas para uma rede de mulheres mães que bebe na fonte da quarta onda do feminismo³. Em geral, as forças estruturantes

¹Trabalho apresentado no DT5 - Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense.

Orientadora: Andrea Medrado; E-mail: apmjornalismo@gmail.com

³<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>

que atuam nestas redes trazem para a sociedade debates que antes eram restritos à esfera da vida privada (HALL, 2006). Uma extensão deste coletivo se debruça sobre questões que norteiam a condição social da maternidade na sociedade neoliberal.

O ativismo digital materno é compreendido, neste artigo, a partir de um movimento que se articula e também cria agenda no espaço da internet. Como referência no âmbito do movimento digital materno, no Brasil, toma-se, para a configuração de um contexto prévio, a imagem participativa da mulher mãe da modernidade a partir da leitura do blog *Mothern*, de 2002, que apresentava a maternidade mais interrelaciona ao cotidiano da sociedade de consumo.

No início da segunda década do século XXI, a figura da mulher mãe surge desconstruída e empoderada nas páginas de blogs e redes sociais. Neste contexto mais recente é que surge o blog Cientista que virou mãe, cuja história e narrativa servirá para que se possa investigar a apropriação dos meios digitais como tática na busca por um novo olhar para a mulher com filhos nos dias atuais. Para este trabalho, a netnografia foi o principal método utilizado para análise.

O discurso que permeia o ativismo materno da página Cientista que virou mãe, fundada em 2009, pode apontar para a necessidade e um aprofundamento da discussão sobre o papel da mulher com filhos na cadeia produtiva da sociedade de consumo, e se esta mesma sociedade está ou não preparada para o deslocamento da condição materna do âmbito privado para as relações compartilhadas e subjetivadas no cotidiano.

Esta hipótese foi levantada a partir da constatação de que, se em um primeiro momento, os assuntos trabalhados nas narrativas deste espaço simbólico se referiam à saúde da mulher, dia a dia de cuidados com filhos e direitos relativos ao parto, no momento em que a escolha dos temas para a produção dos textos entra num formato de financiamento coletivo⁴, assuntos ligados ao papel da mulher na esfera pública da vida contemporânea, principalmente relacionados ao trabalho e à questões de socialidade e liberdade, ganham mais força.

Como apoio para esta investigação, será feita uma análise dos temas das postagens financiadas na plataforma Cientista que virou mãe nos primeiros seis meses de 2017. Os resultados aqui observados podem servir para contribuir para um estudo mais amplo acerca do ativismo digital materno enquanto tática do movimento de mulheres mães.

⁴ Ou *crowdfunding* (financiamento pela multidão) – modalidade de financiamento em que várias pessoas podem investir pequenas quantias em um negócio, geralmente via internet.

O ativismo digital materno ou movimento de mulheres mãe em rede

No dia 9 de julho de 2017, o jornal Extra, impresso do Rio de Janeiro com circulação em torno de 135 mil exemplares por dia, trazia uma matéria⁵ sob o título “Pela internet, mulheres trocam experiências e quebram tabus sobre a maternidade”. O texto abordava a temática da internet como espaço de troca e acolhimento entre mães. Os blogs e páginas das redes sociais foram apresentados como espaços de constituição de uma rede de apoio para se repensar e enfrentar a condição da maternidade no dia a dia da sociedade pós-moderna.

Quatro meses antes, no entanto, a jornalista e política do Rio Grande do Sul, Manuela D’ávila já havia feito o que pode ser considerado, no contexto deste trabalho, uma postagem-manifesto, no blog “Agora é que são elas”,⁶ onde dizia que a maternidade é um ato de resistência e que as estruturas sociais eram pensadas pelo e para os homens, mostrando, assim, que a maternidade pode ser uma questão política e deve ser pensada coletivamente.

Apesar da matéria do jornal Extra não ter seguido uma linha editorial alinhada à contestação e aprofundamento do que representaria aquele grupo de mulheres mães que usam a rede mundial para a troca de informações como tática de resistência em blogs e páginas das redes sociais, a condição da maternidade vinha sendo, nos primeiros meses de 2017, apresentada por debates acalourados em páginas como Cientista que virou mãe, Hell Mother, Mãe Solo, Feminismo Materno, Militância Ativa Materna, entre outras. Uma das iniciativas apresentadas pela matéria jornal era a do coletivo de mães com o nome “Não me chamo mãe”, uma página que reivindica que a mulher não seja representada socialmente apenas por sua condição materna.

A partir deste panorama, pode-se observar que o movimento materno em rede “saiu das fraldas” há tempos e luta hoje para trazer novas questões para o debate social. Essas novas questões resgatam velhas reivindicações e apontam para uma reconfiguração da postura da mulher mãe, talvez motivada pelas possibilidades comunicacionais das novas tecnologias, talvez pressionada pelos próprios descentramentos de uma época em que “entram em questão as novas nuances da

⁵<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/pela-internet-mulheres-trocam-experiencias-quebram-tabus-sobre-maternidade-21569448.html>

⁶<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/23/ir-com-laura-a-um-compromisso-e-um-gesto-de-resistencia-a-politica-e-dos-homens-para-homens/>

economia capitalista, que tendem a favorecer um ordenamento mercadológico do mundo” (SODRÉ, 2013, p.14).

O ativismo digital materno aqui referido é prática de um movimento social que usa as novas mídias para uma contraposição às ideias tradicionalmente idealizadas pela sociedade em relação à maternidade. Este movimento de mulheres com filhos se apoia em preceitos feministas para se apropriar das mídias digitais para falar da condição da mulher mãe. Apropriar, para este grupo, significa subverter a lógica de uso como propôs Jesús Martín-Barbero (1997).

A partir destas ideias é que surge a escolha do blog Cientista que virou mãe para análise neste trabalho. Este projeto transformou um blog pessoal em canal de informação independente. O conceito de apropriação aqui está claramente ligado à ideia de resistência e subversão da lógica de uso do espaço da internet.

No Brasil, uma referência no âmbito da apropriação do ciberespaço para as questões maternas é o blog *Mothern*, de 2002, que já tratava de temas latentes da maternidade do início do século XXI. A pesquisadora Adriana Braga⁷, que desenvolveu um trabalho sobre o blog, aprofunda a visão em relação as interações maternas na rede. O *Mothern* foi considerado por comunicadores da época um movimento que frequentou vários meios. O meio impresso, com o livro “Mothern, o Manual da Mãe Moderna” e com artigos na revista TPM; o ciberespaço, com o blog; e a televisão, com a série que foi ao ar no canal GNT em 2006 e contava a história de quatro mulheres mães que descobriam o real significado da maternidade na sociedade da pós-modernidade.

A partir de uma análise prévia da história dos movimentos emancipatórios femininos, pode-se observar que a questão da maternidade sempre se apresentou como ponto latente nas relações cotidianas estando diretamente ligada à construção do papel da mulher enquanto sujeito social. A partir da era do capital, com alguns direitos recém-adquiridos, a mulher mãe, principalmente branca, passa a ocupar espaços nos meios de produção e na vida pública.

Na era da tecnocultura, a mulher mãe passa a se reconhecer como parte de um cenário que está em constante transformação. Em rede, ela passa a interagir em vários níveis, colaborando para o fluxo de informações críticas acerca da maternidade. Na visão otimista de Pierre Lévy, ela faria parte do grande cérebro planetário da inteligência coletiva. A mãe intelectual coletiva poderia ser vista, dentro desta

⁷ Autora da obra *Persona Materno-Eletrônica: feminilidade e informação no blog Mothern*, trabalho de doutorado pela UNISINOS que se tornou livro em 2008 pela Editora Sulinas.

perspectiva, como um neurônio interagindo com outro, gerando novos conhecimentos e possibilidades.

O intelectual coletivo é uma espécie de sociedade anônima para a qual cada acionista traz como capital seus conhecimentos, suas navegações, sua capacidade de aprender e ensinar. O coletivo inteligente não submete nem limita as inteligências individuais; pelo contrário, exalta-as, fá-las frutificar e abre-lhes novas potências. Este sujeito transpessoal não se contenta em somar inteligências individuais. Ele faz florescer uma forma de inteligência qualitativamente diferente, que vem acrescentar às inteligências pessoais.⁸

“A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa ao poder midiático” (JENKINS, 2009, p. 30). Por isso, sua compreensão é fundamental para a construção dos conhecimentos aqui propostos.

Na mesma proporção em que este trabalho dialoga com a ideia do sujeito coletivo em rede de Lévy, ele também dialoga com a crítica à tecnocultura, levando em consideração a necessidade de um alinhamento ao caráter de contraposição e problematização que é proposto pelo ativismo digital materno. O avanço dos meios digitais poderia, a partir desta crítica, representar um novo tipo de exercício de poder sobre o indivíduo: “o infocontrole”⁹. Os sistemas de informação criados para o controle, poderiam servir para alimentar a operação do capital (SODRÉ, 2013, p. 19).

Mesmo diante desta problemática, aceita-se, que a interação mediada por computador de hoje é uma ampliação a extensão da abrangência social de cada indivíduo e a definição um novo vínculo, recriando ferramentas e definindo novas formas de interconexão. A partir daí, podemos falar sobre um ambiente de rede que traz uma proposta claramente participativa e colaborativa. E é neste sentido que dá-se a compreensão do que se configura o ativismo digital contemporâneo.

Os meios digitais passam assim a ser utilizados como mídias independentes que dão voz à um grupo que por meio de blogs e páginas do Facebook afirmam a necessidade de se discutir as contradições da condição social de um grupo. No caso do ativismo digital materno, o que está em jogo com as reivindicações deste movimento é que sejam reconhecidos direitos e novas possibilidades para a maternidade na vida cotidiana, onde se dão atividades da esferas públicas como trabalho, estudo, vida social e política.

⁸LÉVY, 1988, P. 94

⁹SODRÉ, 2013, P.15

Se por um lado os movimentos de mulheres já adotavam uma agenda voltada para a conquista de garantias legais para suas causas, o ativismo das mulheres com filhos luta para que o reconhecimento de seus direitos seja não apenas uma questão jurídica, mas também, uma questão social. Neste sentido, se propõe a reavaliar se a sociedade está caminhando no sentido de entender que a mulher com filhos desempenha papel fundamental na esfera pública.

Stuart Hall credita a problematização da maternidade ao feminismo. Para o autor, o feminismo nos anos 70 poderia ser considerado uma crítica teórica e um novo movimento social que se opunha às forças de dominação e deslocava questões do privado para o público.

O feminismo questionou a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público”. O slogan era “o pessoal é político.” Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas da vida social: a família, a sexualidade, o trabalho, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação.¹⁰

O movimento de mulheres, que atualmente se apoia nas ideias do feminismo promove e a problematização da maternidade na internet pode ser vista, segundo Manuel Castells, como um movimento social em rede por se utilizar da autonomia disponível nestes espaços simbólicos. Embora o movimento tenha sua base no espaço urbano, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet.¹¹

A utilização da internet pelos movimentos de gênero acompanha a pauta da agenda feminista desde o início da rede. O trabalho da pesquisadora Vera Vieira contribuiu para delinear a relação da comunicação mediada por computador com o feminismo. De acordo com a autora, “as tecnologias da informação e comunicação não são um fim, mas um instrumento para a transformação social” (VIEIRA, 2012, p.12).

O que chamamos neste trabalho de ativismo digital materno é analisado a partir deste contexto e mais precisamente a partir da segunda década do século XXI, com o fervilhar de páginas voltada para temáticas e campanhas femininas nas redes sociais. No Facebook, a rede social mais popular na atualidade, a comunidade “Empodere duas mulheres”, criada em 2015, e a página “Feminismo sem demagogia”, criada em 2012, já alcançavam no final do ano de 2016, uma rede de mais de um milhão de pessoas cada.

¹⁰HALL, 2006, P.45

¹¹CASTELLS, P.129

Porém, deixaremos as redes sociais e suas interações específicas para outro momento. O enfoque neste artigo segue na direção que aponta para o lado pragmático e contestador do ativismo digital, propositalmente analisamos o tema a partir de um blog que virou plataforma de mídia independente. Este espaço é apropriado tanto pelo ideário de informar e comunicar, quanto para que a mulher com filhos possa vir se sentir como indivíduo inteiro e, aqui, vale lembra Heller (2011), para quem todo indivíduo inteiro deve ser agente fruidor da sua própria história, encontrando espaço para reivindicar mudanças no seu papel social, principalmente no que se refere aos valores trabalho, socialidade e liberdade, tomando aqui como valor tudo aquilo que favorece o desenvolvimento da essência humana.

O blog de maternidade que virou plataforma de mídia independente

O *link* na *timeline* do Facebook dizia em 10 de julho de 2017: “ Transformar a informação é um ato coletivo. Faça parte dessa rede!” Logo em seguida, na mesma mensagem, convocava: “Já apoiou uma mãe hoje?”. Informação coletiva em rede e apoio à maternidade, essa seria a base ideológica para um primeiro olhar sobre o objeto deste trabalho: o blog que passou a operar como plataforma de informação independente Cientista que virou mãe.

Sua escolha leva em conta tanto sua relação com o âmbito comunicacional por se propor a ser uma plataforma de mídia independente atuando a partir de uma rede de um coletivo que opera na ambiência da internet do século XXI; quanto no âmbito da constituição de uma estrutura crítica acerca da maternidade na sociedade guiada pelo e para o consumo.

Esta face da condição da mulher mãe no modo de vida da sociedade dos dias de hoje era pensamento constante da então bióloga Lígia Sena, autora do blog aqui analisado, quando, em 2009, se deparou com uma gestação inesperada. A busca por informações esclarecedoras na rede de computadores não era satisfatória e, neste sentido, e a blogosfera foi o lugar encontrado para as trocas a respeito de novas possibilidades para a maternidade. A autora buscava informação que de fato orientasse e não apenas alimentasse a lógica empresa/consumidor que acabou se instalando neste contexto da web com a intensificação das ações de publicidade.

O blog nasceu como uma iniciativa que tinha por objetivo trocar com uma rede que quisesse partir para outras visões sobre parto, infância, saúde materna e direitos femininos. No início, sem o nome oficial, funcionava como diário íntimo e tratava de temáticas voltadas para as dificuldades que estavam ligadas principalmente à forças coercitivas em relação à mulher quando ela torna-se mãe. Principalmente, ligadas à área da saúde da mulher, já que Lígia era mestrandia em farmacologia e tinha questões que ligavam suas preocupações às da sua área de origem, as ciências médicas. Daí surge o nome do blog como é apresentado hoje “Cientista que virou mãe”, como alusão à própria ocupação de sua idealizadora. Já nos primeiros anos, Lígia Sena se une à amiga que estava grávida, Nani Feuser, agrônoma e também idealizadora da plataforma, para o projeto de transformar o blog em um movimento em rede, com conteúdo crítico e diverso sobre a maternidade.

O blog é aqui apresentado a partir do acompanhamento do conteúdo financiado produzido no período dos primeiros seis meses de 2017, consulta aos arquivos da página, pesquisa em artigos e entrevistas de páginas da internet.

O Cientista que virou mãe teve seu formato transformado em plataforma de mídia independente no ano de 2015. De acordo com entrevista concedida ao canal do Youtube “Por quê não?”, em abril de 2016, Lígia Sena afirma que o blog naquele momento já ultrapassava o número de 4 mil acessos por dia e tinha 75% do seu público formado por mulheres mães. Ativista da humanização do parto e de questões que envolviam a esfera privada da maternidade, a autora, em parceria com Feuser, desenvolveram a ideia de contar com uma rede de apoio e produção de conteúdo que pudesse ser mantida sem depender de iniciativas de empresas, criando oportunidades para as autoras e para as leitoras do blog.

O projeto funcionaria em esquema de microfinanciamento coletivo. Desta forma, são disponibilizados, na página do blog, temas com pequenos resumos acompanhados da biografia da autora, quando as doações chegam ao valor mínimo para publicação, o texto entra no ar para toda a rede. Entre os textos com maior cota de financiamento, no dia 10/07/2017, estavam “Empreendedorismo materno: escolha ou falta de opção” e “Emancipação da mulher na velhice: é possível?”. Ambas as escolhas apontam para um tema latente no ativismo digital materno dos dias de hoje: a relação mulher mãe x trabalho.

Pensando neste sentido, uma plataforma que se autossustentasse e ainda oferecesse trabalho às mulheres mães fortaleceria ainda mais essa rede de apoio. Foram então selecionadas, em 2015, 30 escritoras com formações diversas para integrar um grupo que abordaria de forma crítica a maternidade. Entre as integrantes, a predominância era de mulheres mães escritoras, ativistas, jornalistas, blogueiras e militantes. A palavra “empoderamento” circula em um a cada três perfis da aba “Escritoras” na plataforma.

Sena defende que o objetivo desta iniciativa é para que haja uma alternativa à mídia tradicional, que trata a mulher mãe como produto, propondo uma construção baseada em imagens de uma maternidade idealizada e distante da realidade da mulher mãe que vive em uma sociedade moldada por valores de exploração imposta pelo domínio das diretrizes do sistema capitalista.

“É uma mídia independente, mas não só. É uma mídia independente produzida por mulheres mães, que fala sobre maternidade, que fala sobre a condição do feminismo no Brasil, que valoriza a infância e valoriza os Direitos Humanos. É uma alternativa à mídia que trata a mulher como produto.”¹²

No início de 2015, a plataforma Cientista que virou mãe ganhou o prêmio Lab Social Good Brasil, projeto que apoia empreendedores que usam a tecnologia para impactos sociais.¹³ O reconhecimento como projeto inovador voltado para a contestação da condição social da mulher mãe pode ser visto como reforço para a adesão de novas escritoras para integrar a rede de “produtoras de conteúdo independente” da página.

A operacionalização do projeto das amigas mães Lígia e Nani se apresenta hoje com estrutura de site plataforma, com abas no menu principal que direcionam para as áreas de “Como apoiar”, “Assine”, “Financie”, “Escritoras” e “Textos”. Na aba “Como apoiar”, as autoras apresentam a ideia de funcionamento, envolvendo a figura do leitor na escolha e financiamento dos temas (figura 1). O leitor passa a ser, neste contexto, investidor e *gatekeeper*¹⁴, produtor e consumidor da informação. A aba “Assinatura” apresenta uma proposta de financiamento permanente, com créditos que podem ser revertidos em novos conteúdos.

¹²Mulher, mãe e mudanças. Entrevista ao canal do Youtube “Por quê não?”. Abr/2016

¹³www.socialgoodbrasil.org.br

¹⁴De acordo com a teoria do jornalismo, é aquele que define o que será notícia.



Figura 1

A estrutura de uma rede de mulheres mães trocando saberes em forma de informação especializada e remunerada orienta para a construção de um poder coletivo, como argumenta Lígia Sena. Estes espaços virtuais apropriados para as questões sociopolíticas da maternidade podem ser vistos como difusores de uma nova consciência com relação ao papel da mulher mãe na sociedade.

O Cientista que virou mãe também segue uma das premissas dos grupos de mulheres na internet, que é o “empoderamento por meio da informação”¹⁵. A ideia do direito à informação e da informação como arma contra a desigualdade e pelas garantias fundamentais também permeia o discurso do movimento materno. As atividades da plataforma Cientista que virou mãe caminham em direção ao direito de comunicar, já que esta estaria mais próxima da ideia de que todos os indivíduos devem ter oportunidades de participação ativa nos meios de comunicação e que o direito a comunicar é uma extensão do direito à informação (HAMELINK, 2005, p.145).

A partir desta constatação, o projeto de uma plataforma de mídia independente, como é proposta pelo Cientista que virou mãe, se aproxima da ideia de um exercício do direito a comunicar no seu sentido mais amplo e alinhado ao Direito Humano à Comunicação e ao ideal de comunicação democrática, já que um canal independente estaria fugindo da agenda hegemônica dos grandes conglomerados comunicacionais.

Um novo olhar sobre a maternidade a partir da análise de postagens

¹⁵ O “empoderamento feminino por meio da informação” foi largamente difundido como um dos princípios do *think tank* Think Olga. thinkolga.com

Neste artigo, a imersão na dinâmica da plataforma Cientista que virou mãe é prática fundamental para a compreensão do ativismo digital materno. A análise dos textos produzidos na fase em que o blog passa a funcionar como mídia independente é necessária para que haja uma aproximação do olhar para o que se constituem as questões latentes da maternidade representada aqui por este movimento de mães em rede. Esta amostra de postagens servirá de apoio para o objetivo deste artigo. O recorte temporal utilizado leva em consideração o período constituído entre os seis primeiros meses de 2017, quando só foram analisadas postagens de textos financiados, por envolver o leitor/financiador e, portanto, apontar para o caminho pretendido por este trabalho.

A primeira postagem do blog Cientista que virou mãe tem data de 11 de dezembro de 2009 e aborda a descoberta da gravidez inesperada da criadora daquele espaço concebido para registrar questões acerca do universo da maternidade na sociedade dos tempos atuais. A página nascia com aura de diário íntimo, como pode ser visto com a postagem do ano de 2010 com o título “Clara no carrinho do cinema”. Ainda assim, o blog trazia ao público também questões críticas do âmbito privado do universo das mulheres mães como o texto sob o título “ O que queremos para os nossos filhos?”. Estas e outras questões passam ser divididas com uma rede em busca de fortalecimento e novos caminhos.

Em 2015, as amigas mães Lígia Sena e Nani Feuser têm a ideia do projeto de uma plataforma colaborativa e independente. A partir de 2016, passam a ser publicados os textos financiados. Os temas são apresentados na página inicial do site com um mini resumo da abordagem, uma biografia da escritora, o tempo da campanha de financiamento e quanto já havia sido arrecadado (Figura 2). Quando a arrecadação chega ao valor mínimo o texto na íntegra é publicado, sendo enviado em primeira mão para os financiadores.

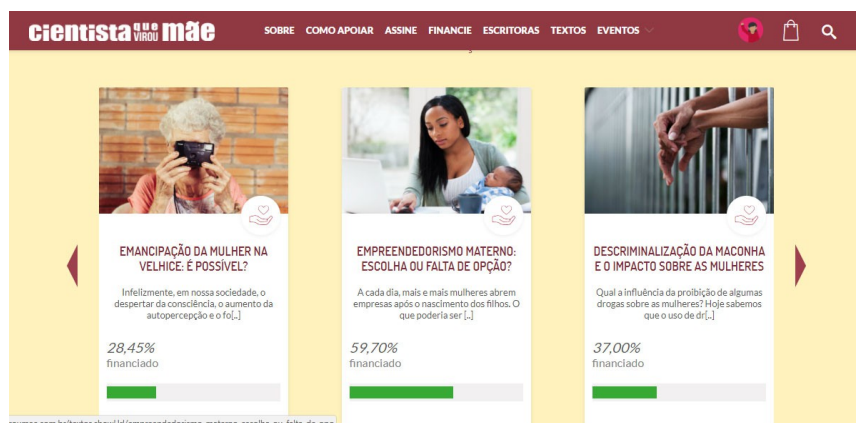


Figura 2

A tabela abaixo apresenta o tema das postagens compreendidas no período de análise (janeiro a julho de 2017), com suas respectivas datas de publicação e categorias definidas pelas autoras do blog.

Título da postagem	Data	Categoria
VIOÊNCIA SEXUAL NO CASAMENTO: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO	20/01/17	empoderamento feminino
CRIANDO MENINOS PARA ROMPER A LÓGICA MACHISTA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES	18/02/17	maternidade consciente e criação com apego
ALIENAÇÃO PARENTAL: O QUE É? QUAIS AS IMPLICAÇÕES? O QUE REPRESENTA?	23/02/17	maternidade consciente e criação com apego
CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA E O LIVRE BRINCAR: TRANSFORMANDO DESAFIOS EM POSSIBILIDADES	20/02/17	outros temas
COMO A PERDA DE DIREITOS JÁ ESTÁ AFETANDO AS MÃES BRASILEIRAS?	04/04/17	empoderamento feminino
SER FEMINISTA: POR QUE É MUITO MAIS DIFÍCIL NA VIDA PRIVADA?	07/04/17	empoderamento feminino
O IMPACTO DO SEU RACISMO NAS MINHAS E NAS SUAS CRIANÇAS	11/04/17	maternidade consciente e criação com apego
SEXUALIDADE E PARTO: EM BUSCA DO ELO PERDIDO	06/05/17	gravidez, parto e pós- parto
FOTOGRAFIAS, CRIANÇAS E INTERNET: OUTROS TEMPOS, OUTRAS POSSIBILIDADES	09/05/17	maternidade consciente e criação com apego
VOLTA AO TRABALHO E O NOVO BEBÊ: CONCILIANDO NOVAS VIDAS	14/05/17	empoderamento feminino
MÃES ESTUDANTES: UMA DEMANDA QUE O SISTEMA IGNORA	19/05/17	empoderamento feminino
MATERNIDADE VEGANA: CRIANDO CRIANÇAS VEGANAS NUM MUNDO QUE VÊ ANIMAIS COMO PRODUTOS	21/05/17	maternidade consciente e criação com apego
SEJA OBEDIENTE": QUANDO A EDUCAÇÃO É VIOLENTA	24/05/17	maternidade consciente e criação com apego
FAMÍLIAS NÃO NUCLEARES: QUANDO AS CRIANÇAS APRENDEM DIFERENTES FORMAS DE AMOR	25/05/17	maternidade consciente e criação com apego
O ABISMO ENTRE ESTAR SOLTEIRA E SOZINHA - MÃES SOLO	30/05/17	outros temas
REFORMAR E CONSERTAR: POR QUE ESTIMULAR AS CRIANÇAS A CONSERTAREM O QUE ELAS JÁ TÊM PODE AJUDAR A MUDAR O MUNDO?	07/06/17	outros temas
MÃE, O QUE É SEXO?	30/06/17	maternidade consciente e criação com apego
FILHOS ATÍPICOS, CULPA E AUTOESTIMA MATERNA: UM OLHAR DE DENTRO	03/07/17	maternidade consciente e criação com apego

Figura 3

Com base na verificação de maior incidência de assuntos, pode-se observar, a partir das informações da tabela da Figura 3, uma preferência das leitoras por textos cuja temática tem como objetivo o despertar para a necessidade de um novo olhar sobre a maternidade, com novas formas de enfrentar as dificuldades impostas ao dia a dia da mulher mãe. Esta temática aparece na categoria “maternidade consciente e criação com apego”. Em seguida, é possível constatar que as dificuldades das mulheres mães são latentes também em áreas como trabalho/estudo/vida pública. As questões relacionadas à categoria “gravidez, parto e pós-parto” continuam a figurar nos temas dos textos financiados, porém com menos frequência em comparação ao início do funcionamento. Esta amostra de postagens pode ser útil no futuro para um desenho de uma geografia das leitoras da plataforma.

Estes resultados iniciais indicam que os temas trazidos à luz por meios da plataforma Cientista que virou mãe podem apontar para uma nova postura da mulher mãe na sociedade de hoje. Conectada à rede, a mulher mãe vê ali ao mesmo tempo uma tática de resistência e uma oportunidade para promover novos olhares para novas e velhas questões acerca da maternidade.

Considerações Finais

Esse artigo apresenta uma primeira síntese a respeito do ativismo digital das mulheres mães no contexto brasileiro da sociedade contemporânea. A complementação das proposições deste trabalho e a abordagem de novos aspectos e aprofundamentos podem se dar na medida em que a pesquisa for progredindo. Para uma próxima etapa, tornar-se-á necessário aprofundar os conceitos de ativismo digital, apropriação das novas tecnologias e análise da questão da interação, dos discursos e das barreiras culturais.

As novas tecnologias impuseram um novo ordenamento de mundo (SODRÉ, 2013), alterando as dinâmicas de trocas entre os indivíduos. A velocidade de transformação deste novo ordenamento também determina a velocidade com que se alteram as configurações dos movimentos que atuam na ambiência da internet. Neste sentido, o caminho desta pesquisa pode se alterar de acordo com as dinâmicas reestruturantes dos movimentos em rede.

A apresentação de novos debates acerca do ativismo digital materno pode se dar como ponto de enriquecimento para a avaliação dos resultados desta pesquisa. Como exemplo, temos a oposição entre algumas ideias que se referem ao modo de vida das mulheres mães brancas em relação ao das mulheres mães negras. Um debate referente a este ponto se deu na blogosfera materna em 2015, a partir de contestação feita em seu blog pela ativista materna Guaraciara Gonçalves, do blog Preta Materna, que questionou a invisibilidade da questão da mulher mãe negra em uma postagem na página Cientista que virou mãe.

Estas nuances do movimento de mulheres mães são fundamentais para a constituição da compreensão do que é e representa o ativismo digital materno nos dias de hoje. Uma nova corrente, representada pelo blog Não me chamo mãe, se apoia na ideia de uma ruptura com a determinação de que a maternidade define uma mulher. As ativistas desta nova vertente do movimento defendem a ideia de que a mulher mãe é o que ela quiser ser, inclusive mãe.

Assim, novos discursos, perspectivas e problemas podem surgir a partir da investigação do ativismo digital materno. Diante disso, este artigo se propõe a ser ponto integrante de um estudo de maior abrangência e profundidade, que se destinará à fundamental reflexão acerca da condição da mulher mãe na sociedade.

Referências bibliográficas

- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997;
- BRAGA, Adriana. **Teoria e Método na análise de um blog: o caso Mothern**. In Blogs.com: estudo sobre blogs e comunicação. AMARAL, Adriana; MONTARNO, Sandra; e RECUERO, Raquel (orgs.)- São Paulo: Momento Editorial, 2009;
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013;
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006;
- HAMELINK, Cees J. **Direitos Humanos para a sociedade da Informação**. In J. M. de Melo & L. Sathler (Eds.), *Direitos à comunicação na sociedade da Informação* (pp. 103–137). São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2005;

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8. ed. 1. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2011;

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. . ed. São Paulo: Aleph, 2009;

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Ed. Loyola, 2000;

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009;

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002;

VIEIRA, Vera de Fatima. **Comunicação e feminismo. As possibilidades na era digital**. TESE de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes (ECA) USP. São Paulo, 2012.